

A “NEOARISTOCRACIA” BURGUESA E COMO ESTA INCORPOROU VALORES QUE IAM DE CONTRÁRIO AO SURGIMENTO DA BURGUESIA, PASSANDO DE CLASSE DOMINADA À CLASSE DOMINANTE

THE BOURGEOIS “NEOARISTOCRACY” AND HOW IT INCORPORATED VALUES THAT WENT AGAINST THE EMERGENCE OF THE BOURGEOIS, CHANGING FROM DOMINATED CLASS TO DOMINANT CLASS

Filipe Botelho Soares Dutra Fernandes¹

1. Graduando do curso de bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande – RS. Graduado em Direito pela Universidade Camilo Castelo Branco – SP.

Contato:
Filipe Dutra Fernandes
filipebsdf@hotmail.com

FERNANDES, Filipe Botelho Soares Dutra. A “*Neoaristocracia*” burguesa e como esta incorporou valores que iam de contrário ao surgimento da burguesia, passando de classe dominada à classe dominante. *Mimesis*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

RESUMO

Introdução: a cultura material, por mais de um século foi o principal foco das questões arqueológicas, mas com o desenvolvimento da arqueologia, esta “perdeu” espaço, passando o homem e seu comportamento também a ser o foco de estudo. **Objetivo:** o artigo, a princípio, busca demonstrar que a Arqueologia vai além de escavações e estudos a cerca de antigas civilizações, afim de mostrar ao leitor que a área pode abordar também temas mais recentes da história, como a classe burguesa do Rio de Janeiro do século XIX. **Método:** tomando como referência importantes historiadores e arqueólogos, o texto é uma tentativa de mostrar como a burguesia facilmente se molda aos costumes que lhe são impostos socialmente., de modo a refutar suas origens humildes de antes da Revolução Francesa. **Resultados e conclusão:** em uma verdadeira corrida de competitividade com a

Recebido em: 13/03/2017

Aceito em: 23/06/2017

nobreza, a burguesia passou a buscar formas de se equiparar a esta, bem como se distanciar das classes populares. Trabalhos arqueológicos do período em questão demonstram um pouco do comportamento desta burguesia, que deixou de ser uma classe dominada e passou a ser classe dominante, incorporando valores que não eram seus, de modo a se tornar uma nova aristocracia.

Palavras-Chave: Burguesia, Sociedade, Modo de vida burguês, Classe, Aristocracia

ABSTRACT

Introduction: material culture for more than a century was the main focus of archaeological issues, but with the development of archeology, this “lost” space, passing man and his behavior also be the focus of study. **Objective:** this article seeks to show that the Archaeology goes beyond archaeological excavations e studies related to ancient civilizations, showing to the reader that the area can also deal with recent subjects from History, like the bourgeois class of Rio de Janeiro from 19th century. **Method:** based in important historians and archaeologists, the text tries to show how the bourgeois easily shapes itself to the behaviors that are socially imposed, denying its humble origins before the French Revolution. **Results and conclusion:** in a real competitive running with nobility, the bourgeois started to seek ways to equate to it, also distancing from popular classes. Archaeological works from this period shows a bit of this behavior from bourgeois, that changed from dominated class to dominate class, incorporating values that were not theirs, becoming a new aristocracy.

Key-Words: Bourgeois, Society, Bourgeois life style, Class, Aristocracy

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a arqueologia ficou condenada a ter a escavação como seu principal definidor; isto graças a nomes como o de Howard Carter, descobridor da tumba do faraó Tutancâmon, que exerceu grande fascínio ao público com seus trabalhos; mas esta se

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

subdivide em diversas áreas e vai muito além das escavações. Uma destas áreas é a Arqueologia do Capitalismo, responsável por estudar e compreender os hábitos, costumes e os remanescentes da cultura material do Brasil oitocentista, período em que a burguesia se firma como classe dominante.

A cultura material, por mais de um século foi o principal foco das questões arqueológicas, mas com o desenvolvimento da arqueologia, esta “perdeu” espaço, passando o homem e seu comportamento também a ser o foco de estudo. Na tentativa de demonstrar e compreender padrões do comportamento humano, vimos a arqueologia “obrigada” a se voltar também para os aspectos imateriais da cultura, estes refletidos na cultura material. Através da cultura material, busca-se explicação para determinadas ações. Tomando como base de seus estudos o desenvolvimento do sistema de produção capitalista, e mais especificamente o chamado “modo de vida burguês”, a Arqueologia do Capitalismo surge como uma das formas de se fazer a chamada Arqueologia Histórica, demonstrando através de seus trabalhos, como a burguesia se consolidou como classe dominante e como seus hábitos impuseram costumes que ditaram as regras de uma sociedade que surgiu como oprimida e se modificou de tal forma a se tornar então opressora.

Em solo brasileiro, a emergência de um modo de vida burguês antecede a instalação de uma burguesia propriamente dita (LIMA, 1996, p. 44). Este modo de vida, com a valorização de um individualismo cada vez maior, passou a ritualizar o cotidiano da sociedade, que em um frenesi por aceitação e autoafirmação, passou a incorporar valores que nem sempre foram seus. Em especial no Rio de Janeiro, centro do império e polo disseminador das novidades que chegavam da Europa, vários trabalhos arqueológicos têm sido realizados, recuperando artefatos que nos mostram um pouco dos gostos e costumes da sociedade do período. Falamos aqui de uma época em que a escravidão, embora já contestada em diversas partes do mundo colonizado, ainda se fazia fortemente presente no cotidiano da sociedade; e ao se falar de escravidão, não há como se fazer uma dissociação desta e da escatologia. No âmbito externo, a rotina escatológica do período fica demarcada não apenas nas lápides da época, estas com símbolos macabros como caveiras, corujas, serpentes, dentre outros (idem), mas também pelo convívio com escravos duramente castigados nos pátios; um verdadeiro espetáculo para uma sociedade que via estes não como seres humanos seus semelhantes, mas algo que se encontrava abaixo na cadeia de espécies humanas, como se estes não sofressem da mesma forma que os brancos.

Mas a escatologia se fazia presente também nos ambientes internos. Em meio à toda a sofisticação e exuberância do interior de uma casa burguesa do período, encontravam-se as escarradeiras, ou cuspeiras; peças, no geral, ricamente detalhadas e elaboradas, muitas de materiais de alto custo, dependendo do poder aquisitivo de seu proprietário, e que simbolizavam uma prática comum da época, hoje vista como pouco higiênica. Em relação aos fluídos excretados pelo corpo, sejam por quais fossem os orifícios, os objetos encontrados em sítios arqueológicos têm lançado vista também à esta característica escatológica da época. Urinóis, frascos de medicamentos como óleo de rícino, laxantes e leite de magnésia nos dão uma ideia da importância que as atividades de excreção tinham à época (LIMA, 1996, p. 46). Jornais do período, com diversos anúncios de tais produtos demonstram também esta situação.

Este contexto escatológico, entretanto, é algo que deixa de ser verificado com o avançar do tempo, de modo que a burguesia emergente, com sua alta capacidade de modificação de costumes, uma verdadeira tentativa de cópia, se assim podemos chamar, dos costumes da aristocracia à qual buscava se equiparar, inegavelmente buscando por uma afirmação como já dito, passa a incorporar valores que poderiam ser chamados de mais sanitários de acordo com as perspectivas dos dias de hoje. Neste período vemos uma valorização dos produtos higiênicos encontrados em sítios arqueológicos escavados que apontam para uma tentativa de dissimulação dos odores produzidos pelo corpo. Embalagens de sabonetes, escovas de dente, frascos de enxaguantes bucais, desodorantes e águas de colônia são corriqueiramente encontrados em escavações oitocentistas e do início do século vinte, de modo que os atos escancarados da sociedade escravocrata escatológica passam a ser escondidos e dissimulados conforme a burguesia vai se afirmando.

É deste período também a inclusão de um cômodo específico para evacuação no ambiente domiciliar; e assim, com o advento do banheiro, os então tão valorizados urinóis passam a ser substituídos pelas chamadas retretes, precursores dos atuais vasos sanitários, que até então eram algo exclusivo da nobreza (LIMA, 1996, p. 89). Tânia Andrade de Lima faz uma interessante reflexão deste momento ao concluir que a burguesia, ao ter acesso à tal recurso “não se submete, não mais se ‘agacha’ diante de nada nem ninguém e que até mesmo para expelir seus excrementos, urinando e defecando, reina soberana, ‘aristocrática’, vitoriosa, em seu ‘trono’, supostamente limpa, saudável, higienizada” (LIMA, 1996, pág. 89), daí a origem

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

a expressão popular “estar no trono” para quando alguém utiliza o vaso sanitário.

Todo o simbolismo existente por trás da cultura material e dos objetos que a compõem demonstra como que certos aspectos das sociedades são difundidos de forma a criar diferenciações e estratificações sociais, de modo que, ao se fazer uma análise, não apenas as funções dos objetos devem ser levadas em conta, mas também a sua representação. Os fragmentos de louças encontrados em sítios do século dezenove exemplificam bem esta situação de reflexo das relações sociais. A burguesia, em sua saga para se equiparar à aristocracia, se vale dos objetos e costumes desta última. Como muito bem colocado por Tânia Andrade de Lima (1996, p. 90), “a mesma classe que, num primeiro momento de afirmação, repudiou violentamente a velha aristocracia, para em seguida se identificar totalmente com ela, esmerando-se na apropriação e reprodução do seu comportamento e dos seus símbolos”. Vemos então esta apropriação e reprodução de comportamentos e símbolos se refletir no interior das residências burguesas do século retrasado. Os grandes salões e banquetes da tradicional nobreza passam então a ser reproduzidos em menor escala, com todo um aparato que garantisse o luxo e a sofisticação de que precisava a burguesia para ser equiparada e aceita pela aristocracia.

Com a materialização destes novos hábitos burgueses, foi necessária a inclusão nas residências de um cômodo destinado e condizente com tais práticas, e com o surgimento das salas de jantar, esta refeição passa a assumir um importante papel para a nova classe. Extremamente ritualizado, o jantar, uma refeição vista no período como de domínio masculino, surge com a função de, além de mostrar a opulência de uma classe, esconder a animalidade existente até outrora durante as refeições, de modo que os valores comunais de antigamente, passam a ser cada vez mais individualizados, como tudo tende a ser desde então até os dias de hoje. As refeições passam a ser servidas obedecendo regras de etiqueta quase sempre importadas da Europa, mas que ao chegar em terras tupiniquins não resistiram a tão famosa miscigenação característica do Brasil, de modo que a mistura de costumes acabou por resultar em uma forma de se portar à mesa característica própria de nosso povo, incorporando variados elementos de diversos locais; serviço de jantar à moda russa era servido com características do modelo francês, apresentando costumes portugueses e ingleses. Uma verdadeira miscelânea de regras de etiqueta que chegavam a causar espanto aos estrangeiros que de passagem ao país participavam de tais festins. Para auxiliar na forma como se portar

em tais ocasiões, a burguesia se valeu dos chamados manuais de etiqueta, um tipo de literatura que detalhava como deviam as pessoas se comportar em ocasiões sociais, contendo informações como o tipo de louça e os talheres a serem usados em recepções. Em sua análise da burguesia nova-iorquina do século XIX, Diana Wall (2000) aponta tais manuais como utilizados por aqueles que buscavam a entrada na classe média, ou até nas classes mais altas.

Ao passo que a burguesia tentava se aproximar da aristocracia, ao mesmo tempo que tentava se distanciar das classes inferiores, a nobreza buscava formas de se afastar da burguesia, de modo a deixar clara a situação de emergente da classe burguesa. Para tanto, os costumes e práticas eram reinventados e a burguesia “sofria” para se adaptar à algo que para a aristocracia era natural, estando sempre bem delimitada esta condição. À falida aristocracia não importava a diferença de poder aquisitivo frente ao burguês, visto que esta possuía a sofisticação e o glamour que lhe era natural, na popular expressão “vindo de berço”. Mas este encanto, se assim podemos chamar, que envolvia todo este ritual, atingiu diversos setores da sociedade, de modo que todos queriam ter seus belos aparelhos de jantar; e desta situação foi beneficiário o setor de produção de louças, em especial o da Inglaterra industrial, que fez um número cada vez maior de itens chegar aos trópicos, colocando no mercado uma vasta gama de produtos dos mais variados tipos de materiais e valores, a fim de atender a todos os poderes aquisitivos. “Artigos de luxo, até então exclusivos das classes superiores, ganharam simulacros produzidos a custo muito inferior, o que permitiu uma extraordinária difusão desses bens entre os segmentos menos privilegiados, ansiosos por adquiri-los, provocando uma verdadeira explosão de consumo” (LIMA, 1996-2, p. 164). Assim como a burguesia buscava se equiparar à aristocracia, as classes inferiores também tentavam se equiparar à burguesia.

Ainda no campo das louças e como estas demarcavam relações sociais, vemos no período uma grande variedade de louças de jantar mais bem elaboradas e coloridas, marcando a época em que estas eram produzidas para os homens que dominavam o ritual do jantar, ao passo que as mais simples e brancas eram destinadas ao ambiente feminino da cozinha. Mas algo ocorre quando a mulher passa a integrar a sala de jantar, e na tentativa de agradar o novo público feminino, o mercado passa a oferecer louças brancas mais refinadas, que passam então a ser sinal de requinte. Esta integração da mulher à sala de jantar é uma grande conquista feminina, que foi precedida por outro ritual do período; este sim exclusivamente feminino.

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

“Absolutamente supérfluo como refeição e perfeitamente dispensável do ponto de vista alimentar, o ritual do chá deve a sua extraordinária penetração antes de tudo às possibilidades que ofereceu enquanto um novo espaço para a negociação social” (LIMA, 1997, p. 102). É curioso ver como algo supérfluo, como o ritual do chá, característico da mulher, vista também como supérflua, se tornou algo tão arraigado na sociedade burguesa do século dezenove de um país marcado pelo calor extremo em quase todas as estações do ano. Oriundo da Inglaterra, inicialmente tomado em locais públicos por homens, o chá no Brasil chega já sendo tomado dentro de casa, no aconchego da família e dos amigos mais próximos. Embora algo mais simples, este contava com uma aparelhagem elegante e sofisticada, que deu à mulher o poder de comandar algo em sua esfera social, coisa que até então era possível apenas para o homem. Se contrapondo aos grandes jantares, a hora do chá era um momento mais leve e delicado, marcado por dualidades com o jantar, visto que ao passo que um era servido em grandes mesas, o outro em pequenas, sendo que a oposição de ambos sempre se fez presente: líquidos versus sólidos; feminino contra masculino; um com seu próprio cômodo e o outro servido em qualquer local da casa.

Neste ambiente de aconchego e feminilidade, a mulher deu um grande salto em relação à sua libertação. Em se tratando de algo mais informal, suas vestimentas demandavam menos informalidade também, portanto o obrigatório espartilho usado em eventos sociais foi algo que passou a ser deixado de lado durante a hora do chá, sendo que vestidos específicos para esta ocasião passaram a ser produzidos, sendo estes algo mais caseiro e confortável. Aquela que estava sempre presa e possuía papel coadjuvante dava um grande passo para a sua libertação, saindo das sombras para tomar posição nas rodas sociais, até chegar ao ambiente da sala de jantar e ser integrada a este, de modo que esta passa a ter cada vez mais espaço na sociedade e o ritual do chá perde sua função.

Os trabalhos arqueológicos que apresentam a cultura material deste período integram não apenas a chamada Arqueologia do Capitalismo, mas também a Arqueologia Urbana, que tenta mostrar a dinâmica das populações que habitavam as cidades do período; neste caso, o habitat da burguesia brasileira do século XIX. Ao analisarmos estas cidades como cultura material, vemos o resultado da aplicação de uma ação humana intencional, embora natural, não perceptível no período, gerando vetores de relações sociais; aqui as relações sociais de uma burguesia que sempre tentando se equiparar à aristocracia,

chegou à superá-la quando o poder aquisitivo se sobrepôs aos costumes e gostos de uma classe. No caso do Rio de Janeiro em especial, retratado em várias gravuras por Jean-Baptiste Debret, vemos a cidade passar por diversas mudanças desde o século XIX até os dias de hoje. Estas mudanças, resultado das mudanças de comportamento de uma burguesia extremamente influenciável e que não se via apegada à um gosto de classe seu, mas sim algo que esta por diversas vezes tentou incorporar afim de se afirmar. Entretanto, algumas situações continuam a ser verificadas. Não há como não relacionar as situações de falta de salubridade e saneamento básicos de alguns locais, em especial algumas comunidades vulgarmente taxadas de “favelas”, ao período escatológico pelo qual passou a cidade até fins do século XIX. Mas, como pontuou Beatriz Thiesen, a cidade não pode ser tomada como causa do que ocorre nela, “a cidade por si só não tem poder de criar ou gerar mudanças sociais e culturais” (THIESEN, 1999, p. 11). A burguesia, cada vez mais centrada no individualismo que propõe o sistema capitalista, focou-se apenas em si mesma e se esqueceu de sua condição inicial, fechando os olhos àquilo que se passava às suas margens e não percebendo as mudanças que vivenciou, sendo, entretanto, a principal responsável por tais mudanças, que a levaram de dominada à dominante, lhe garantindo então uma posição de maior conforto e finalmente conseguindo assim seus objetivos.

Referências

LIMA, T. A., Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material** (Nova Série), São Paulo, v. 5, p. 93-129, 1997.

LIMA, T. A., Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX **Manguinhos – História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. II, n.3, p. 44-96, 1996.

LIMA, T. A., Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material** (Nova Série), São Paulo, v. 3, p. 129-191, 1996.

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

GARCIA, Tauan Ackermann; FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *A língua portuguesa do Brasil - a que estudamos e a que falamos: o papel do professor*. Mimesis, Bauru, v. 38, n. 1, p. 69-78, 2017.

THIESEN, B., *As paisagens da Cidade: Arqueologia da Área Central da Porto Alegre do século XIX*. Porto Alegre, PUC/RS-PPGH, 1999. Dissertação de Mestrado.

WALL, D., *Family Meals and Evening Parties: Constructing Domesticity in Nineteenth-Century Middle-Class New York*. In **Lines That Divide: Historical Archaeologies of Race, Class and Gender**. Ed. James A. Delle et al. Knoxville, University of Tennessee Press, 2000. pp. 190 – 141.

